

OS CÓRREGOS OCULTOS E SEUS RESQUÍCIOS NOS ESPAÇOS LIVRES URBANOS: OS AFLUENTES DO CÓRREGO MANDAQUI

*HIDDEN STREAMLETS AND THEIR REMNANTS IN URBAN SPACES:
THE AFFLUENTS OF MANDAQUI*

Arthur Simões Caetano Cabral*

RESUMO

O presente artigo visa a contextualizar, enquanto testemunhos das características geomorfológicas originais do sítio, cursos d'água da bacia do córrego Mandaqui, canalizados e tamponados no decorrer da consolidação urbana da zona norte paulistana. Tal contextualização, no entanto, mostra-se reveladora não apenas de elementos naturais historicamente negados enquanto paisagem, mas também de relações afetivas diversas estabelecidas entre o homem e as águas. A experiência dos espaços associados aos afluentes do Mandaqui demonstra a possibilidade de retomar a consciência sobre a existência de pequenos córregos tamponados em São Paulo. Por meio de vestígios, os córregos ocultos insinuam-se à superfície. Pouco a pouco, o olhar de quem se encontra em tais espaços é inevitavelmente conduzido, entre becos e vielas, a percorrer o trajeto esculpido pelas águas. Estas, ainda que apartadas da superfície, por meio de seus vestígios demonstram a impossibilidade do fazer humano em apagar por completo certos traços da natureza primitiva. O trabalho do qual resulta o presente artigo integra os estudos de caso da margem direita do Tietê, realizados no âmbito da pesquisa acerca dos Córregos Ocultos, coordenada pelo Prof. Dr. Vladimir Bartalini junto ao Laboratório da Paisagem, Arte e Cultura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: Córregos ocultos. Paisagem urbana. Tietê. Mandaqui. São Paulo.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to contextualize as testimonies of the original geomorphological characteristics of the site watercourses of the stream Mandaqui basin, channeled and buffered along the urban consolidation of São Paulo north. Such contextualization, however, shows up revealing not only of natural elements as historically denied landscape, but also various affective relationships established between man and water. The experience of the spaces associated with tributaries of Mandaqui thus demonstrates the possibility of resuming the awareness of the existence of small streams buffered in São Paulo. Through traces, hidden streams creep to the surface. Bit by bit the look of those in such spaces is inevitably conducted between alleys and narrow streets, to walk the path carved by the waters. These, though set apart from the surface, demonstrate through its traces the impossibility of human interventions completely erase certain traits of primitive nature. The work which follows this article includes case studies on the right bank of Tietê, carried out under the research on the Hidden Streams, coordinated by Prof. Dr. Vladimir Bartalini at the Laboratory of Landscape, Art and Culture, at Faculty of Architecture and Urbanism of São Paulo University.

Keywords: Hidden streams. Urban landscape. Tietê. Mandaqui. São Paulo.

* Arquiteto e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Foi bolsista de Iniciação Científica junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP): projeto de pesquisa "Córregos Ocultos em São Paulo", desenvolvido no Laboratório Paisagem, Arte e Cultura (LabParc/FAUUSP), sob coordenação do prof. dr. Vladimir Bartalini. Rua Paulo de Avelar, 410, 02243-010, São Paulo, SP, Brasil.
arthur.cabral@usp.br

1 INTRODUÇÃO

Ao caminhar pela avenida Engenheiro Caetano Álvares, na zona norte de São Paulo, é praticamente inacessível à consciência o fato de estar sobre o leito tamponado do córrego Mandaqui. É ainda mais difícil imaginar que, abaixo da superfície, há diversos córregos menores, que deságuam no Mandaqui (figura 1).

A exemplo de muitas outras vias e espaços livres das grandes cidades brasileiras, a avenida mencionada resulta de intervenções realizadas ao longo da consolidação do espaço urbano que incidiram diretamente sobre cursos d'água. Suprimindo os córregos enquanto elementos abrangidos por uma noção de paisagem¹ ou transformando profundamente suas feições, tais intervenções respondem de maneira bastante peculiar a certas demandas das cidades contemporâneas – relacionadas à mobilidade, à drenagem urbana, aos sistemas de saneamento. A peculiaridade do intervir em tais elementos reside, justamente, no fato de que, por mais invasiva que seja a operação empreendida pelo fazer humano, há certos aspectos dos cursos d'água e de sua conformidade que parecem resistir ao seu ocultamento, manifestando-se à superfície nos entreatos do espaço urbano².

A relação do esqueleto urbano paulistano com as configurações naturais de seus cursos d'água é forte a ponto de permitir a afirmação: “[...] um estudo do sítio da metrópole pode ser entendido como o estudo do próprio sítio da chamada bacia de São Paulo, compreendida pelo conjunto de particularidades de todos os elementos que a constituem”. (AB’SÁBER, 2007, p. 15).

Do ponto de vista histórico da consolidação e expansão da cidade de São Paulo, o organismo urbano também se mostra indissociável da conformação dos cursos d'água. Se, por um lado, as colinas enxutas entre o Tamanduateí e o Anhangabaú corresponderam à localização ideal para o início da ocupação jesuítica no século XVI, anos mais tarde, foram as planícies alagáveis, às margens dos grandes rios paulistanos, que favoreceram a implantação de linhas férreas na segunda metade do século XIX³.

¹ Nos termos de Assunto (2011), a paisagem, enquanto espaço finito, mas aberto à infinitude, é a espacialização da temporalidade à qual se nega a cidade industrial. A megalópole industrial, para o autor, é o espaço da não memória, dos prazos de validade constantemente vencidos e do tempo rigorosamente *quantificado* e consumido. Esse espaço, enquanto negação do infinito, opõe-se à temporalidade. Esta, por sua vez, é qualitativa: na *temporalidade*, o presente não é uma subtração do passado, nem o futuro um acréscimo ao presente. Ao contrário do ser temporâneo, o ser temporal é o passado que compreende o presente e o futuro, numa coexistência mútua e *infinita* das três esferas. De modo geral, nesses termos, entende-se o espaço da cidade industrial como o da negação da paisagem.

² Dos feitos mais rudimentares às metrópoles gigantescas, nos dizeres de Dardel (2012), o homem reagrupa e refaz o espaço, criando o *habitat* que lhe é próprio, o *espaço construído*.

³ Além da importância da presença de água para uso das populações locais, São Paulo situa-se em um ponto de onde irradiam, em quase todas as direções, numerosos cursos d'água, que funcionavam como vias naturais de comunicação. Apesar de muitos dos cursos d'água presentes na bacia sedimentar de São Paulo possibilitarem a navegação, apenas de pequenas embarcações, segundo Prado Jr. (1983), a hidrografia da região foi decisiva não apenas para o acesso a terras ainda não ocupadas, por exemplo, por meio das entradas e bandeiras, mas, principalmente, para a comunicação entre os núcleos de povoamento nos arredores de São Paulo, que se formavam gradualmente.



Figura 1 O córrego Mandaqui e seus afluentes em 1930.

Fonte: Mapa topográfico do município de São Paulo. 1:20 000 – Empresa Sara do Brasil S.A.

Até as primeiras décadas do século XX, era possível escutar o canto das lavadeiras nas margens dos córregos paulistanos. Naquela época, as bicas e chafarizes davam lugar aos primeiros sistemas de abastecimento doméstico, revelando novas relações entre a cidade e as águas⁴. Desde os grandes rios paulistanos aos pequenos veios d'água, capilares da bacia do Alto Tietê, os nexos entre o homem e os corpos d'água manifestam-se de formas muito distintas ao longo do tempo.

⁴ No que diz respeito à implantação dos primeiros sistemas de distribuição de água em São Paulo, a análise de Sant'Anna (2007) sugere a articulação entre interesses de grupos privados e as concessões do estado, no final do século XIX, enquanto forma de organização urbana.

Na atualidade, há rios tradicionalmente conhecidos que, ainda que profundamente transformados, são facilmente reconhecidos no cotidiano urbano de São Paulo. Tendo em vista a correspondência entre a bacia sedimentar do Alto Tietê e o sítio urbano paulistano, tais rios, como se poderia supor, ocupam as áreas centrais e de maior consolidação da cidade. É o caso do rio Tamanduateí, cujos meandros, uma vez retificados, deram lugar a zonas industriais, ou do ribeirão Anhangabaú, tamponado sob a avenida Prestes Maia e o parque do Anhangabaú, por exemplo. Grande parte da água que escoar pelos principais rios da cidade a caminho do Tietê, todavia, é oriunda de córregos capilares. Apesar da aparente insignificância frente ao todo da bacia do Alto Tietê, tais córregos correspondem à maioria dos cursos d'água paulistanos.

A transformação no traçado ou o tamponamento desses pequenos córregos, em sua maioria anônimos, raramente deram lugar à implantação de avenidas ou de áreas verdes amplas. Os espaços que resultam das intervenções empreendidas nos córregos capilares – becos, escadarias, vielas, pequenos espaços com características de praças – são vestígios da existência de cursos d'água que já não são reconhecidos em suas feições primitivas.

Por outro lado, a paisagem que foi negada pela cidade sobrevive – em condições memoriais – nas lembranças daqueles que, em tempos idos, a presenciavam. O feitiço primitivo dos córregos capilares aflora na memória coletiva⁵ dos mais velhos por meio de seus relatos. A identificação em campo, em levantamentos cartográficos de diferentes épocas, e nas lembranças de antigos moradores, de vestígios de córregos, torna possível a descoberta dos caminhos outrora esculpidos pelo escoar das águas. Pouco a pouco, as atuais “sobras” do tecido urbano são restituídas em sua identidade; pouco a pouco, formas sensíveis do escoar velado das águas são emprestadas à imaginação.

À medida que a consciência da existência dissimulada de pequenos veios d'água no tecido urbano é retomada, os espaços resultantes da ocultação dos córregos, em geral destituídos de qualquer intenção que os qualifique enquanto espaços livres públicos, podem passar a estabelecer, ainda que em condições imaginativas, nexos outros entre a cidade e as águas.

2 A CIDADE E AS ÁGUAS – INTERSECÇÕES E SOBREPOSIÇÕES

Não é preciso analisar a fundo um mapa hidrográfico da bacia do Alto Tietê para que se tenha uma primeira noção da complexidade dos cursos d'água paulistanos. Se, na porção central do sítio – compreendida entre a confluência do Tietê e do Pinheiros –, os numerosos córregos se ramificam em afluentes e subafluentes ainda menores, a norte do Grande Rio é praticamente indecifrável a trama formada por minúsculos veios d'água contorcidos.

⁵ Refere-se, aqui, ao conceito de memória coletiva tratado por Bosi (2006). Entendendo a linguagem enquanto um dos elementos mais importantes na afirmação do caráter social da memória, o ato de narrar, enquanto troca, corresponde a uma forma de emergência das lembranças dos velhos.

No que diz respeito à ocupação urbana de São Paulo e ao seu tecido urbano, é aparentemente desnecessário mencionar a heterogeneidade que os caracterizam em termos socioespaciais enquanto cidade⁶. Ao pensar em uma suposta sobreposição entre mapas – o das águas e o da cidade –, é de se esperar que haja intersecções, pequenos traços referentes à especificidade de como a cidade se conformou aos cursos d'água e de como eles foram transformados visando ao atendimento de suas demandas.

Mas, em meio a essa porosidade do espaço da cidade, em que a dureza do asfalto não apaga por completo a existência das águas, como penetrar nos pormenores da malha urbana e alcançar, em escala real, as minúcias dos cursos d'água capilares ocultos? Ao longo desses pequenos córregos canalizados, como trazer à tona a consciência de sua presença dissimulada, ascendendo às suas nascentes?

O trajeto aqui proposto é o do barqueiro teimoso, daquele que insiste em remar contra a correnteza para chegar a seu destino. Para remontar as nascentes dos córregos capilares existentes em São Paulo, propõe-se que o ponto de partida seja a foz dos principais rios paulistanos – trajeto oposto ao do escoamento das águas. O grande Tietê, depois de passar por São Paulo e receber as águas de boa parte dos rios e córregos paulistanos, percorre um longo caminho até desaguar no mar. Encontra o rio Paraná na divisa com o estado de Mato Grosso do Sul e desemboca no rio da Prata, para que, só então, conclua sua viagem ao desaguar no Atlântico – encontro este celebrado por uma imensa foz. Para remontar às nascentes do Tietê seria necessário chegar ao município de Salesópolis, a leste de São Paulo. Todavia, as nascentes do Tietê não são o destino do trajeto aqui proposto. São os vestígios de pequenos afluentes do córrego Mandaqui que se pretende retomar com esse percurso.

3 O VALE DO MANDAQUI

São largas as várzeas submersíveis do Tietê – ou Anhembi, na língua Tupi, maior rio do sítio urbano de São Paulo. Apesar de os edifícios interceptarem prontamente a visão de quem nelas se encontra, é possível avistar, ao longe, a elevação do terreno. À medida que se afasta dessas várzeas, alcançando-se os primeiros terraços fluviais a norte do Grande Rio, nota-se que a topografia se torna mais movimentada. A ondulação do terreno, fruto da ação milenar das águas sobre as rochas cristalinas dos sopés da serra da Cantareira, é o índice da presença de diversos afluentes do Tietê e dos divisores de águas que conformam seus vales.

À altura do bairro da Casa Verde, uma larga galeria se abre na calha de concreto do Tietê retificado. Sobre ela, a inscrição “Córrego do Mandaqui” – na condição de um quase epítáfio – dá nome às águas que ali jazem e que outrora escoavam

⁶ Os diferentes contextos históricos e sociais que conformaram os processos de urbanização também devem ser considerados como condicionantes da consolidação do espaço urbano. Em relação à ocupação urbana das áreas à margem direita do rio Tietê, é possível afirmar, tendo em vista o que o geógrafo Aroldo de Azevedo (1958) aborda sobre o assunto, que o próprio fato de as áreas situadas a norte de São Paulo possuírem topografia movimentada – onde os limites da serra da Cantareira, por si só, corresponderiam a um obstáculo de difícil transposição – explicaria a menor expansão da área suburbana da cidade no rumo norte.

abertas à paisagem. Canalizado na porção central da avenida Engenheiro Caetano Álvares, o Mandaqui permanece hoje encerrado sob um canteiro gramado cuja função é ordenar o fluxo de automóveis. Entre sua foz, no Tietê, e suas nascentes, nas proximidades do Horto Florestal, são várias as afluições do Mandaqui – ou rio dos Bagres, na língua Tupi.

Apesar de sua condição subterrânea, é possível notar, ainda hoje, certos pontos onde outros cursos d'água atingem o Mandaqui. Com efeito, o vale relativamente largo do córrego contrasta com o de seus afluentes, muito bem encaixados enquanto sulcos na topografia. A cada esquina da avenida Engenheiro Caetano Álvares, ladeiras e escadarias permitem o acesso às vertentes leste e oeste do córrego Mandaqui. Entre elas, baixadas no terreno, revelam-se como os prováveis percursos de escoamento das águas vindas das áreas mais altas da bacia. Tais aspectos do terreno são, praticamente, os únicos vestígios da presença de cursos d'água nas proximidades do vale principal da bacia do Mandaqui.

Apesar do traçado coincidente ao da avenida implantada, os espaços resultantes da intervenção guardam poucos sinais que atestam sua condição fluvial. Já do tamponamento dos pequenos cursos d'água contribuintes do Mandaqui, como será visto, as marcas que permanecem são muitas e muito variadas.

Dentre os vários córregos que deságuam no Mandaqui, será percorrido o trajeto do córrego das Cobras, situado na vertente leste da referida bacia (figura 2), que escoar, ligeiro, pelas colinas dos bairros de Imirim e Casa Verde (figura 3). Suas condições atuais são similares às da maioria dos demais córregos vizinhos: possui extensão de pouco mais de um quilômetro; situa-se em área urbanisticamente consolidada a partir de meados do século XX⁷; suas águas encontram-se completamente canalizadas e tampoadas (figura 4). Assim, as descrições aqui registradas – variando, em certos trechos, dos aspectos mais concretos às condições mais imaginativas suscitadas pelos vestígios das águas – pautam-se na análise do córrego das Cobras enquanto um exemplo dentre muitos outros capilares que drenam a bacia do córrego Mandaqui.

4 INDÍCIOS DE UMA NATUREZA SILENCIADA

Percebe-se certo alargamento no fundo do vale quando, à altura do bairro do Imirim, se chega à esquina da avenida Engenheiro Caetano Álvares com a rua Paulo Gatti. Não é possível saber de antemão – há carros estacionados na rua, árvores nas calçadas –, mas ali, logo abaixo da superfície, fora escondida a foz do córrego das Cobras (figura 5). Os primeiros metros desta estreita rua sem saída são praticamente planos.

⁷ É a partir de meados dos anos 1940, tendo em vista os processos de metropolização e espraiamento horizontal da mancha urbana de São Paulo que, segundo Langenbuch (1971), as centralidades locais começam a se expandir sobre as áreas tradicionalmente ocupadas por chácaras e pequenas propriedades rurais. A norte do rio Tietê, vetorizada ao longo das estradas existentes, verifica-se uma crescente tendência ao parcelamento dos amplos terrenos das chácaras, sobretudo a partir de Santana. Com isso, o início da ocupação urbana dos bairros em estudo é marcado, mormente, por processos informais de loteamento de antigas propriedades rurais, articulados, vez por outra, a projetos viários e de loteamentos de glebas.

No entanto, basta levantar um pouco o olhar para notar que o terreno, a uma distância relativamente curta, se eleva de modo íngreme, indicando o caminho a montante.



Figura 2 O entorno do córrego das Cobras em 1930.
Fonte: Mapa topográfico do município de São Paulo. 1:20 000 – Empresa Sara do Brasil, S.A.

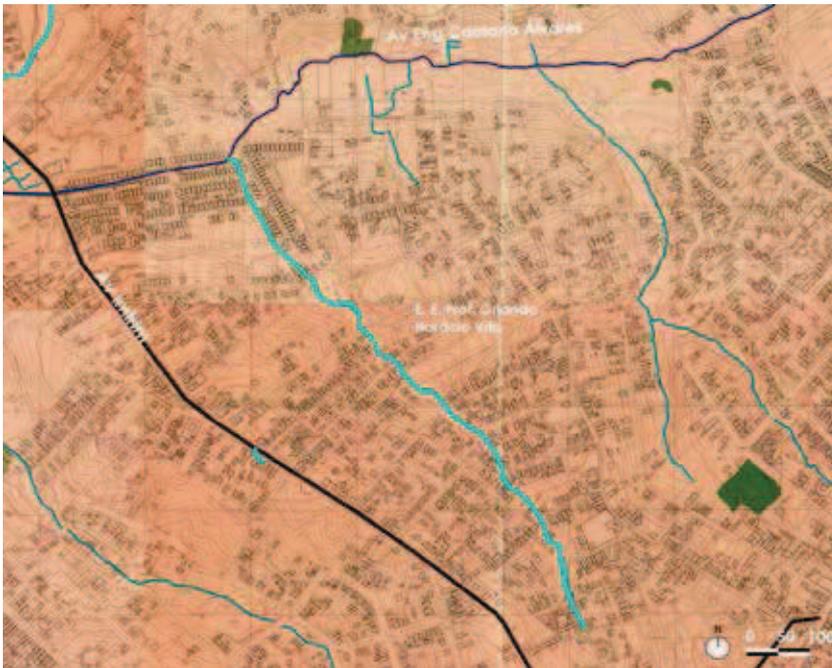


Figura 3 O entorno do córrego das Cobras em 1954.
Fonte: Levantamento aerofotogramétrico do município de São Paulo. 1:2 000 – Vasp Aerofotogrametria, S.A. e Serviços Aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul, S.A.



Figura 4 O entorno do córrego das Cobras na atualidade.

Edição: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

Fonte: Google Earth

Tal caminho se encaixa no terreno e, de alguma forma, sugere o curso de um rio. Mas, para seguir o rastro do córrego em direção às suas nascentes, deve-se contornar a quadra, já que a rua Paulo Gatti não tem saída. Chega-se, então, a um canteiro alongado que beira os lotes construídos. O espaço da rua alarga-se – todavia, não se trata de uma praça. As árvores desse canteiro possuem porte limitado, deixando supor que o espaço para o desenvolvimento das raízes é cerceado pela presença da galeria onde se encerram as águas do córrego das Cobras. Arrematando uma das extremidades do canteiro, o guarda-corpo de uma antiga ponte, faz, às vezes, de “floreira” (figura 6).

Prosseguindo o olhar a montante, é possível reconhecer certa continuidade no corredor iniciado pela rua Paulo Gatti, ao longo de uma viela estreita e mal pavimentada. O olhar avança longe nesse ponto, parece subir centenas de metros na estreiteza do caminho (figura 7). Como se fosse possível avistar, dali, as nascentes do córrego, tem-se a sensação de que se está *dentro* de seu canal, os muros cegos na condição de margens.

O espaço espremido da viela desafia o olhar a ir além das paredes sujas e do piso cimentado – a estreiteza desafia o olhar a rompê-los. Constrangidas pelo aperto a que foram submetidas, imagina-se as águas do Cobras num verdadeiro jorro, num embate estridente com os canos onde foram encerradas. Mais adiante, o som enérgico das águas confirma tal impressão. O córrego também parece desafiado a romper com sua clausura.



Figura 5 Foz do córrego das Cobras, ainda aberta à superfície, e suas imediações em 1954.
Fonte: Levantamento aerofotogramétrico do município de São Paulo. 1:2 000 – Vasp Aerofotogrametria, S.A. e Serviços Aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul S.A.



Figura 6 O guarda-corpo da antiga ponte faz, às vezes, de floreira.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

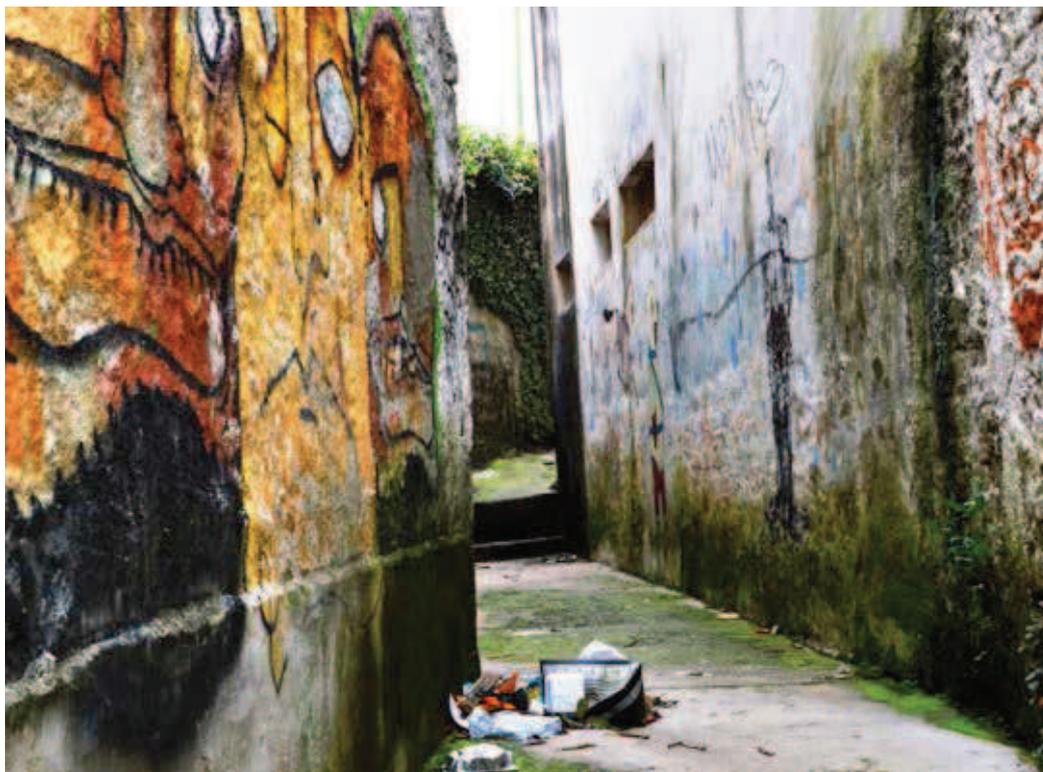


Figura 7 No espaço estreito da viela, o olhar avança longe.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

De um lado e de outro dessa viela, as casas, visivelmente mais antigas que a via improvisada, atestam a presença oculta do córrego das Cobras, seu antigo vizinho (figura 8). Com efeito, os moradores de tais imóveis têm guardada em sua memória a imagem do córrego que escoava abertamente por trás de suas casas. O mau cheiro, a presença de insetos e as inconvenientes cheias periódicas do curso d'água, todavia, dão o tom de seus relatos. Mesmo antes de canalizado, nos últimos anos de sua presença aberta à superfície, o córrego das Cobras já havia sido negado enquanto elemento da paisagem.

Como vestígio da paisagem à qual a cidade se contrapôs – o que pode ser percebido pela canalização da maior parte dos cursos d'água da bacia do Mandaqui –, a presença do córrego das Cobras pode ser trazida à tona de forma ainda mais direta, alguns metros adiante, na esquina da EE Professor Orlando Horácio Vita. Mais uma vez, fragmentos de guarda-corpos de uma antiga ponte margeiam, desprovidos de sua função, o passeio público (figura 9).

Além disso, a rua Diogo Cabrera, onde podem ser vistos os vestígios da antiga ponte, possui traçado exatamente perpendicular ao vale do córrego das Cobras, o que faz dessa via uma ladeira bastante pronunciada. Sua implantação permite não apenas a possibilidade de se apreender com nitidez o relevo, cuja forma fora esculpida a partir do insistente escoar das águas, como também revela, por meio da

antiga ponte, que os primeiros projetos de loteamento do bairro do Imirim e de seus arruamentos não previam a canalização do córrego das Cobras. A comprovação dessa hipótese surge a partir da análise dos levantamentos cartográficos do convênio Vasp Cruzeiro, de 1954, quando já eram visíveis vários arruamentos cruzando o curso d'água por meio de pontes e pinguelas e edificações situadas ao longo de todo o seu vale (figura 10).

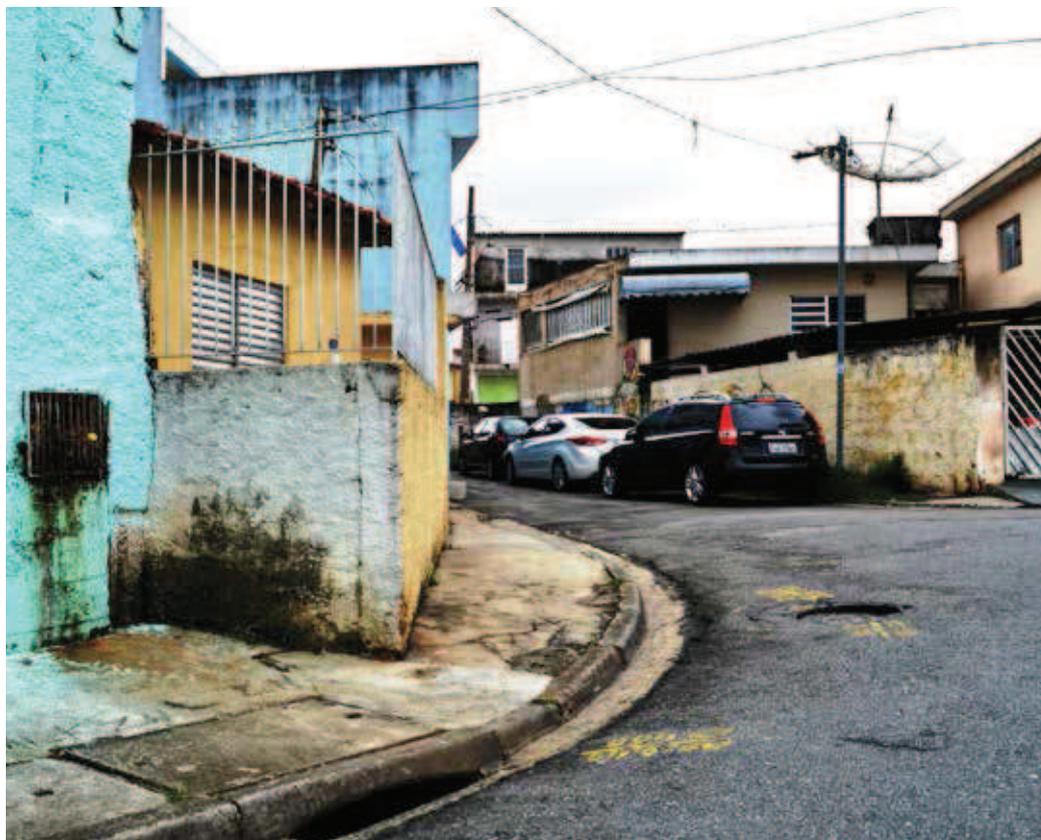


Figura 8 As casas mais antigas que o tamponamento atestam a presença oculta do córrego das Cobras.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

Fica evidente certa indiferença em relação à então ainda possível integração do curso d'água aos espaços do bairro. A princípio não se pensava em canalizar o córrego das Cobras, ou não se tinha o apoio do poder público para tal empreitada. Apesar do razoável número de construções em suas imediações desde os anos 1950, provavelmente as águas do córrego eram, até então, limpas. Mesmo assim, a urbanização, ao longo de sua consolidação, ainda que sem ocultá-lo, voltou as costas ao curso d'água.

A partir do momento em que sua presença passou a significar um transtorno relacionado ao mau cheiro e à conseqüente presença de insetos e ratos – devido não a outro motivo, se não ao próprio adensamento do bairro –, não houve qualquer constrangimento em realizar sua canalização e seu tamponamento. Com isso, tem-se que os vestígios da existência do córrego das Cobras são verdadeiras sobras no tecido urbano.



Figura 9 Fragmentos do guarda-corpo de uma antiga ponte, hoje seca, margeiam o passeio público.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

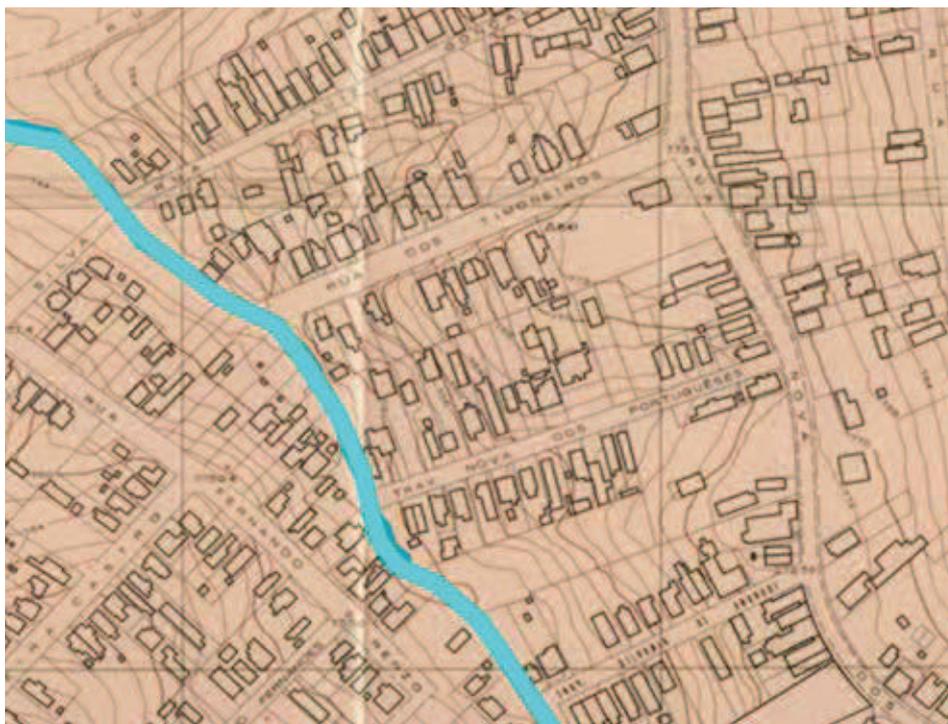


Figura 10 Nos levantamentos dos anos 1950, são visíveis diversas ladeiras perpendiculares ao vale, alheias à topografia forte, cruzando por pontes ou pinguelas as águas ainda abertas à superfície.
Fonte: Levantamento aerofotogramétrico do município de São Paulo. 1:2 000 – Vasp Aerofotogrametria, S.A. e Serviços Aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul, S.A.

Próxima aos fundos da EE Professor Orlando Horácio Vita, posicionando o olhar na rua Joaquim Couto, há outra viela que corta de ponta a ponta a quadra seguinte⁸. Sobreposta ao curso do Cobras, a viela não permite entrada para nenhum lote: estes, por sua vez, têm seus fundos voltados para a viela. O pavimento, em tom de cinza mais claro que o do asfalto das ruas adjacentes, é a própria laje de concreto, construída há poucos anos, na ocasião do tamponamento do córrego. O desalinhamento nos muros das casas, que as separavam de forma tosca das águas do córrego das Cobras, dá à agora seca via um aspecto fragmentado.

Nesse ponto tem-se a sensação de que o olhar não consegue avançar mais do que alguns poucos metros. Os muros tortos parecem censurar o prosseguimento da mirada (figura 11). O espaço da viela, no entanto, afrouxa-se, deixando de determinar a tensão das águas comprimidas que se sentia a jusante. Tais quais diques, tem-se a sensação de que as paredes desalinhadas têm a capacidade de frear o entusiasmo das águas. O espaço, frouxamente mais largo, lembra o de uma área brejosa, lamacenta, embora não haja gota d'água sobre o cimento. O mover-se estridente das águas é aqui substituído por um empoçar moribundo no solo encharcado (figura 12).

Embora ocultas, as águas vinculam-se a esse espaço por meio da imagem de poças. A partir de tais vínculos, a água e o espaço parecem determinar-se mutuamente: o insinuar-se do córrego é o sentido de ser da viela na medida em que esta é o tênue véu que o recobre. Nessa coexistência, supostas condições de continente e conteúdo (con)fundem-se.

Assim, hoje acobertado, o córrego das Cobras persiste a escoar em seu curso. Pedacos de paredes mal caiadas, como prismas posicionados ao acaso, cacos, ora avançam, ora recuam sobre a viela que os denuncia. Janelas abertas ao improvisado nos muros cegos parecem espiar com grande curiosidade a novidade: a água virou pedra (figura 13).

Outros fragmentos podem ser percebidos ao se caminhar até a extremidade oposta da viela. Parte deles corresponde aos retalhos de outra mureta de ponte. Tratam-se, agora, dos guarda-corpos da antiga pontezinha da rua Martins Fernandes, inutilizados a partir do momento em que já não se corria mais o risco de cair nas águas do Cobras. De ponte, a estrutura em concreto armado passou à condição de tampa. Mais janelas espontâneas, timidamente desalinhadas, debruçam-se, agora, sobre o córrego oculto (figura 14).

Bocas de lobo foram implantadas na antiga ponte, permitindo a descida das águas da chuva à galeria subterrânea. Por outro lado, essas aberturas trazem à superfície o ruído do córrego que ecoa entre os tubos. O som rouco, constante, repercute as batidas fortes da água contra o fundo da calha de concreto. Mesmo em estiagens prolongadas, não é necessário agachar-se junto às bocas de lobo para escutar o úmido murmúrio.

⁸ Desse ponto a montante, os vestígios aqui descritos referem-se aos trechos de canalização e tamponamento mais recentes do córrego das Cobras (realizados nos anos 1990). Não havendo praticamente nenhuma coincidência, no trecho que se segue, entre o traçado viário implantado e o curso d'água, os espaços livres resultantes das intervenções realizadas no córrego expressam, de modo muito peculiar, os indícios de sua existência subterrânea, como será mostrado adiante.

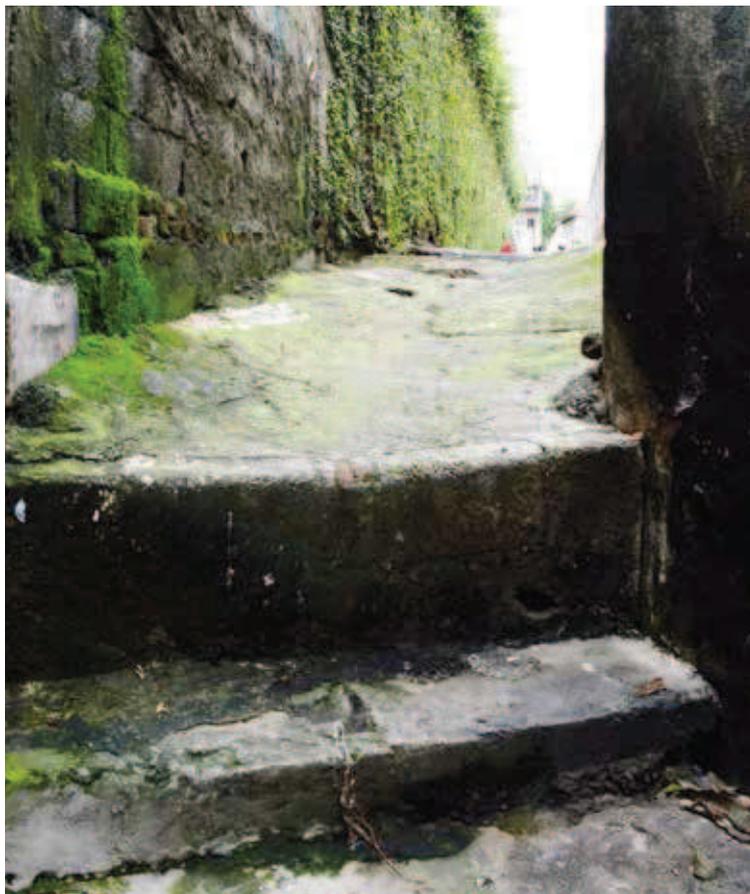


Figura 11 Entre degraus e empenas tortas, ora o olhar é comprimido, ora a viela o leva à distância.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012



Figura 12 Na irregularidade do piso cimentado, poças trazem à superfície as águas paradas da área brejosa.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012



Figura 13 Janelas abertas ao improviso parecem espiar, curiosas, os vestígios do córrego tamponado.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

Ainda que invisível na superfície, a espuma das águas caudalosas, que nervosamente rolam morro abaixo, ganha uma forma sensível, emprestada à imaginação por meio do som. Seu tom constante, grave, toma conta, aos rodeios, de quem o ouve. Por um instante, se tem o corpo todo tragado à vontade das águas: imersão borbulhante para o fundo das galerias, para além do subterrâneo, do subaquático das águas escondidas. As bocas de lobo da rua doutor Gabriel Resende Filho não trazem, apenas,

a presença do córrego à superfície. Mais do que isso, essas aberturas atraem para o fundo a imaginação de quem ouve o som das águas.

Seja em forma de poças turvas, moribundas; seja em sua viva agitação, espumante, notada por meio do som confinado nas galerias que alcança por meio de frestas, a superfície, a materialidade das águas tem sua presença tangível ao longo de quase todo o curso tamponado do córrego das Cobras. A laje de concreto, com todas as suas irregularidades, emendas e frestas, não dá conta de anular o caminho das águas. Tal qual o leito irregular pelo qual escoava, há poucas décadas, o córrego das Cobras, o piso cinza e impermeável da viela é tomado, em determinados pontos, por certos tipos de gramíneas que, insistentemente, aproveitam qualquer fresta ou vestígio de terra para brotarem verdejantes. Curiosamente, a natureza das águas, das sementes, dos musgos, das rochas, parece insistir no fato de que ali, naquele curioso corredor ligeiramente inclinado, há um curso d'água. Ainda mais curioso é o fato de a cidade insistir em acreditar no contrário, negando para si própria tal existência.



Figura 14 De ponte, a estrutura em concreto armado passou à condição de tampa.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

O trecho da viela referente à quadra seguinte, compreendida entre a rua doutor Gabriel Resende Filho e a travessa Luís Gonçalves, é um pouco mais longo que os anteriores. Entre uma pequena janela e outra, abertas para o córrego após sua cana-

lização, pinturas em grafite colorem as paredes como se ali estivessem presentes desde sempre, como se fizessem parte das empenas cegas e desalinhadas desde sua construção (figura 15). Como em um museu ou em uma galeria de artes, é possível “passar de sala a sala”, ao longo da viela, acompanhando cada afresco disposto segundo uma expografia incomum: as pinturas confundem-se, dispostas umas muito próximas às outras, conferindo ao corredor estreito um aspecto peculiar. A multidão de figuras representadas não parece se incomodar com o espaço pouco da viela, tornando o espaço inusitado densamente habitado.

Alguns metros adiante, o encontro da rua dos Timoneiros com a viela se dá por meio do alargamento em ambas as vias. Há um desnível de mais de dois metros entre elas, de modo que, de um lado, há um talude pavimentado, e, de outro, uma pequena escada permitindo o acesso de pedestres ao local. O espaço resultante, ainda que compartimentado entre empenas cegas e laterais de lotes, é consideravelmente mais largo que o restante da viela, assumindo função de ponto de encontro onde jovens empinam pipas e jogam bola.

Como um antigo cais de porto, a rua dos Timoneiros terminava, há vinte anos, exatamente à margem direita do córrego das Cobras, onde um barranco íngreme separava a parte final dessa via das águas que rolavam apressadas morro abaixo. Atualmente, dadas às suas características, o espaço funciona quase como uma “praiinha seca”, sendo notadamente apropriado por parte dos moradores (figura 16). O ponto de encontro na rua dos Timoneiros preserva, assim, uma série de vestígios que atualizam a presença do curso d’água, oculto recentemente. Em dias ensolarados, as pipas soltas por ali sobrevoam silenciosamente a bacia do Mandaqui, desenhando no céu o traçado do córrego das Cobras.

Nas quadras seguintes, o corredor, agora muito mais estreito, provoca certo desconforto ao pedestre que por ele caminha. Esse trecho da viela preserva vestígios não apenas das feições do córrego das Cobras, como também da relação estabelecida com seu curso por parte dos moradores, antes e mesmo depois de seu ocultamento. A inclinação do terreno torna-se mais pronunciada e os muros cegos. Dada a acentuada estreiteza do corredor, parecem mais altos. Nesse trecho, o leito do córrego das Cobras ganha maior profundidade, suas águas escoam com maior velocidade e, consequentemente, a largura do curso d’água é menor que nos trechos a jusante. Valendo-se da mesma lógica vista anteriormente, as primeiras casas construídas nas adjacências do córrego aproximaram-se tanto quanto possível de ambas as margens, confinando o curso d’água em um canal apartado de seu entorno por muros.

Após o tamponamento do córrego das Cobras, passa a interessar à população local, que, por mais de quarenta anos desprezou esse espaço, abrir ao menos uma portinha de seus quintais ao percurso já seco (figura 17). Todavia, as tampas impermeáveis da galeria de concreto continuam no caminho preferencial para o escoamento das águas, que formam verdadeiras enxurradas pelo estreito corredor em dias de chuvas fortes. A solução encontrada pelos moradores diante de tal situação foi abrir portas acima do nível do chão, com acesso por degraus toscamente cimentados (figura 18). Na

impossibilidade de calar por completo a expressão das águas do córrego das Cobras, os moradores e frequentadores do entorno desse curso d'água acabam encontrando formas de driblar a repercussão de seus efeitos.



Figura 15 Diversas figuras em grafite habitam as paredes da viela como se ali estivessem desde sempre.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012



Figura 16 O mato cresce às touceiras próximo à rua dos Timoneiros; pipas colorem no céu o percurso do córrego oculto.

Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

A partir da rua Maria Simões, um primeiro olhar desatento diria que a viela não possui continuidade na quadra seguinte. Surpreendentemente, o já estreito corredor prossegue em uma fresta com um pouco mais de um metro de largura entre os portões das casas térreas. Entre as pinturas em grafite, estruturas de contenção inclinadas, em

concreto armado, parecem fazer força para evitar que o estreito corredor seja obstruído pela eventual queda dos muros. A presença dessas estruturas demonstra que os construtores, já na parte alta do bairro do Imirim, foram especialmente ousados. Os muros dos quintais e paredes de cômodos das residências foram erguidos nos últimos palmos de solo firme à beira d'água (figura 19). Absolutamente confinadas, as correntezas do córrego das Cobras, durante suas cheias, seguramente atingiam uma faixa considerável dos muros das residências, os quais assumiam funções de diques.



Figura 17 Após o tamponamento, portas são abertas ao percurso seco.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

Desse ponto a montante, é perceptível a mudança no padrão de urbanização. Os lotes, sempre residenciais e unifamiliares, possuem maiores dimensões e as edificações são, visivelmente, mais antigas. Com efeito, ao analisar os levantamentos de Sara Brasil, de 1930, nota-se na área a presença de algumas poucas casas já encarapitadas no morro, muito próximas às nascentes do Cobras. Além disso, mesmo que constando como arruamentos ainda sem nome, o traçado das ruas Estevão Helwadjian e Márcio Humberto Gandolpho já havia sido definido em 1930.



Figura 18 Na impossibilidade de silenciar por completo a natureza das águas, degraus são improvisados para preservar ao seco as moradias.

Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

Desse ponto a montante, é perceptível a mudança no padrão de urbanização. Os lotes, sempre residenciais e unifamiliares, possuem maiores dimensões e as edificações são, visivelmente, mais antigas. Com efeito, ao analisar os levantamentos de Sara Brasil, de 1930, nota-se na área a presença de algumas poucas casas já encarapitadas no morro, muito próximas às nascentes do Cobras. Além disso, mesmo que constando como arruamentos ainda sem nome, o traçado das ruas Estevão Helwadjian e Márcio Humberto Gandolpho já havia sido definido em 1930.



Figura 19 Os construtores, ousados, ergueram os muros nos últimos palmos de terra firme na época em que as águas ainda escoavam abertas.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

O entorno das nascentes do córrego das Cobras tem o início de sua ocupação urbana associado à implantação, em 1987, do cemitério de Santana, também conhecido como cemitério Chora Menino⁹. É da mesma época o loteamento das terras da antiga Fazenda de Santana, cuja sede fora erguida também sobre os divisores de águas das bacias dos córregos Carajás e Mandaqui.

Não havendo continuidade da viela a partir da rua Estevão Helwadjian, a rua Márcio Gandolpho poderia ser entendida como uma primeira forma de ocultamento do curso d'água. Todavia, ao observar novamente a planta de 1930, essa hipótese cai por terra. Cerca de trinta metros a jusante do que seria o cruzamento do córrego das Cobras com a rua Estevão Helwadjian (ainda sem nome nos levantamentos da época), o traço em azul do curso d'água desaparece do mapa, sem que, no entanto, haja qualquer indício de intervenção ou dispositivo implantado sobre ele. É muito provável que o ponto onde, em dias atuais, a viela inicia seu percurso morro abaixo e onde

⁹ De acordo com Torres (1969), ocorre, na mesma época, o loteamento das terras da antiga Fazenda de Santana, sendo que parte de suas terras serviu não só à criação do cemitério de variolosos, mas também a núcleos educacionais de seminaristas, estabelecidos em meados do século XIX, e a colônias de imigrantes. O antigo casarão, sede da fazenda, é transformado, assim, em quartel do Exército, situado à rua Alfredo Pujol.

as águas do córrego das Cobras, em 1930, afluíam à superfície para escoar em direção ao vale do Mandaqui, seja, de fato, a nascente do curso d'água (figura 20). Nota-se, com isso, que o ponto onde nasce o córrego das Cobras, confinado entre os lotes construídos a poucos centímetros de suas margens, foi ocultado nas galerias de águas pluviais muito recentemente, também nos anos 1990.

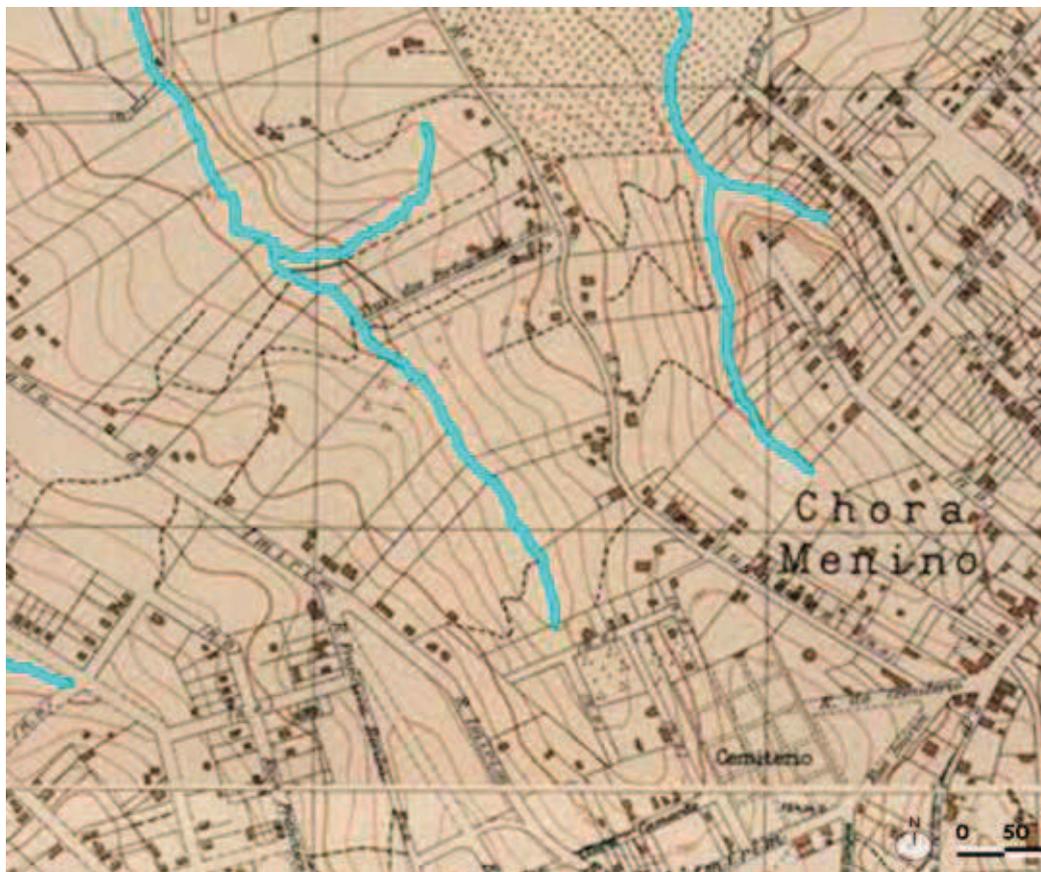


Figura 20 Aos fundos do cemitério Chora Menino, os arredores das prováveis nascentes destacados em levantamento cartográfico de 1930.

Fonte: Mapa topográfico do município de São Paulo. 1:20 000 – Empresa Sara do Brasil, S.A.

A casa mais próxima das nascentes, observada nos levantamentos da Empresa Sara do Brasil S.A., aparentemente já fora substituída por construções mais recentes. A casa da esquina da rua Estevão Helwadjian com a rua Márcio Humberto Gandolpho, no entanto, construída por volta dos anos 1940, preserva em seu alpendre a memória do tempo em que os morros ainda não haviam se transformado em ladeiras nem os vales em avenidas. Ao observar o espaço acolhedor de tal alpendre por cima do muro baixo da antiga casinha, não é difícil imaginar a vista do vale do córrego das Cobras, com sua nascente vertendo água em abundância, água inesgotável, de som macio – um som outro que não o ruído rouco de quem lamenta, sussurrando pelas bocas de lobo (figura 21).



Figura 21 Do alpendre da residência dos anos 1940 até a vista da serra da Cantareira, ao longe, é forte a imaginação a presença das águas do córrego das Cobras.
Foto: Arthur Simões Caetano Cabral – 2012

5 CONCLUSÃO

A exemplo de muitos outros cursos d'água cujo tamponamento resultou em espaços residuais no tecido urbano paulistano, o córrego das Cobras tem sua presença dissimulada no cotidiano urbano. Antes de atingirem o Tietê e de percorrerem um longo percurso a caminho do oceano, as águas paulistanas escoam por muitos desses cursos d'água capilares.

O reconhecimento, por meio dos vestígios de sua presença ocultada por diversos dispositivos antrópicos é revelador, em condições imaginativas, de relações estéticas que foram deixadas de lado ao longo da consolidação urbana de São Paulo. Ainda que a dureza do concreto e do asfalto reprima a vista das águas do córrego das Cobras a deslizarem morro abaixo, rabiscando curvas e desvios espontâneos, sua presença subterrânea vem à tona quando nos atemos às cicatrizes por elas deixadas – e que o fazer humano não deu conta de apagar por completo.

Os pequenos cursos d'água paulistanos, assim, sobrevivem não apenas nas lembranças daqueles que, no início dos processos de urbanização, os presenciavam em

suas condições naturais, abertos à paisagem, mas também em certas peculiaridades do tecido urbano que decorrem, justamente, da presença insinuada de tais elementos naturais. Os vestígios da ocultação dos córregos são entendidos, sob essa ótica, como atestados – por um lado, de intervenções urbanas associadas a todo um modo de expansão e consolidação da cidade ao longo de certo período e, por outro, dos elementos naturais por elas ocultados e negados enquanto paisagem. Tendo em vista os variados nexos estabelecidos entre o homem e as águas, a detecção e a identificação dos vestígios dos córregos ocultos traz à tona a consciência da existência de uma natureza primitiva ocultada em diversos termos pela ocupação urbana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SÁBER, Aziz. **Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. 360 p.
- ASSUNTO, Rosário. A paisagem e a estética. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Org.). **Filosofia da paisagem** – uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, p. 341-375.
- AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo** – estudos de geografia urbana. São Paulo: Editora Nacional, 1958.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** – lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 488 p.
- DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre** – nature de la réalité géographique. Tradução de Vladimir Bartalini. Paris: Presses Universitaires de France, 2012. 199 p.
- LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1971. 354 p.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **A cidade de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 96 p.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Cidade das águas** – usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Senac, 2007. 318 p.
- TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **Bairro de Santana**. São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1969. 161 p.